

Instalação artística online *DIVISA* (2022), notas em rota de conversação: entrevista com Rubiane Maia

Online artistic installation *DIVISA* (2022), notes on the way to
conversation: interview with Rubiane Maia

Lindomberto Ferreira Alves¹

Resumo

Foram reunidos, aqui, alguns registros das conversações entre o/a autor/a da entrevista e a artista Rubiane Maia, realizadas por videoconferência nos dias 23 e 29 de março, 12 de abril e 26 de julho de 2022. Tais registros condensam um pouco do amplo espectro de aspectos, aportes e questões mobilizadas no âmbito dos processos de criação da instalação artística online *DIVISA* (2022) (www.projetodivisa.com), derivada de uma jornada de Rubiane Maia – juntamente com seu companheiro Manuel Vason e seu filho Tian Maia Vason – ao longo da região da divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, no Brasil. Esta jornada foi empreendida com o objetivo de que a artista (re)estabelecesse uma relação de contato e fusão com esta faixa territorial de fronteira-limite, a fim de desvelar e ressignificar as numerosas camadas da sua história individual e social, que pariam neste “entre-terras”.

Palavras-chave: Rubiane Maia; Projeto *DIVISA*; Memória; Corpo-território.

Abstract

Here are some registers of the conversations between the author of the interview and the artist Rubiane Maia, held by videoconference on March 23 and 29, April 12 and July 26, 2022. These registers condense a little of the broad spectrum of aspects, contributions and issues mobilized within the scope of the creation processes of the online artistic installation *DIVISA* (2022) (www.projetodivisa.com), derived from a journey by Rubiane Maia – together with her partner Manuel Vason and their son Tian Maia Vason – along the border region between the states of Minas Gerais and Espírito Santo, Brazil. This journey was undertaken with the aim of the artist (re)establishing a relationship of contact and fusion with this borderline territorial strip, in order to unveil and re-signify the numerous layers of her individual and social history that originate in this “between-lands”.

Keywords: Rubiane Maia; *DIVISA* Project; Memory; Body-territory.

1

Artista-educador, curador e pesquisador. Doutorando em Artes (PPGArtes/UFPA) e bolsista FAPESPA. Mestre em Artes (PPGA/UFES). Licenciado em Artes Visuais (UNAR/SP) e Bacharel em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Integra os coletivos FURTACOR e Baile. Co-idealizador e coordenador dos projetos editoriais *AECE* (2023-) e *Rizoma-Escrita* (2022-). Autor do livro *Rubiane Maia: corpo em estado de performance* (Vitória: SECULT/ES, 2021). Co-organizador das publicações *ARTE | ÉTICA | CRÍTICA* | *ESCRITURA: Que nenhuma voz da realidade humana seja empurrada para baixo do silêncio da história – TOMO I* (SECULT/ES, 2023); *Desejar menor dos mundos, escrever corporeidades outras desde aí* (Editora PPGArtes/UFPA, 2023); e *Divisa: notas em rotas de travessias* (SECULT/ES, 2022). Tem transitado e atuado junto aos campos da arte, curadoria, editoria, educação, pesquisa e crítica de arte. Atualmente, se debruça em uma investigação sobre perspectivas contra-hegemônicas de escritas da crítica de arte. Email: lindombertofoa@gmail.com

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

Em julho de 2021, a artista multimídia Rubiane Maia² (Caratinga/MG, 1979) teve aprovado o Projeto *DIVISA* no Edital Setorial de Artes Visuais 020/2020³, da SECULT-ES. O projeto buscou investigar as distintas nuances que compõem, simbolizam e materializam a relação entre memória, corpo, território e imagem, a partir do próprio deslocamento físico pela divisa, uma linha geopolítica que demarca o encontro e os limites entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Este eixo disparador não é arbitrário e é escolhido por Rubiane Maia, na medida em que é tensionado por questões ligadas à própria subjetividade e a biografia da artista; isto é, a partir de suas lembranças de travessia (originadas pelo nascimento em Minas Gerais, os primeiros anos de vida em uma cidade da divisa e o crescimento no Espírito Santo)⁴.

Figura 1 – Rubiane Maia, Projeto *DIVISA* (2022)
Instalação online. PONTO 2: -17.922970, -40.368545 RODOVIA ES 130: Montanha,
ES / Nanuque, MG – Brasil.
Fotografia, dimensões variáveis



Fonte: acervo da artista Rubiane Maia.

Tendo em vista as restrições sanitárias decorrentes da Pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, os processos de feitura do projeto vislumbravam, como “produto” resultante, a instauração da instalação online *DIVISA*, composta por múltiplos registros (fotografias, vídeos 2D e 3D, áudios, diagramas e textos) derivados da jornada de Rubiane, feita juntamente com seu companheiro Manuel Vason e seu filho Tian Maia Vason, ao longo da região da divisa. A jornada foi encarada como uma espécie de laboratório experimental, junto ao qual ela poderia estreitar os laços com esses limites

Rubiane Maia é uma artista transdisciplinar brasileira que vive em Folkestone, Reino Unido. Possui graduação em Artes Visuais e mestrado em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Seu trabalho é um híbrido entre a performance, a instalação e outros modos de expressão, como a escrita, a fotografia, o vídeo e a pintura. Em geral, interessa-se pelo corpo, linguagem, memória, fenômenos e matérias orgânicas, sendo especialmente atraída por estados diferenciados de percepção e sinergia que englobam relações de interdependência e cuidado entre seres humanos e não humanos, como minerais e plantas. Frequentemente desenvolve seus trabalhos em contextos de sítio específico, sempre considerando os elementos da natureza, a paisagem e o meio ambiente como guias e co-criadores de suas obras. Para conhecer os registros memoriais e imagéticos das obras de Maia, acesse: <https://www.rubianemaia.com/>.

Eixo 2: Projeto de Formação, Pesquisa, Intercâmbio, Registro e Memória, do Funcultura da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo.

São as viagens de trem pela Ferrovia Vitória-Minas e, também, pela Rodovia BR-262, que liga ambos estados, que constituem suas mais remotas memórias de infância. Perdeu as contas de quantas vezes percorreu com os olhos as paisagens por onde o trem ou o ônibus circulava. Não viajava muito para outros lugares, mas eram comuns os deslocamentos entre Espírito Santo e Minas Gerais quando criança. Deslocamentos que emergiram por conta das constantes visitas às cidades de Aimorés e Caratinga, em Minas Gerais, nas quais até hoje reside uma boa parte de seus familiares. Tem lampejos de imagens dessas viagens. Lembra-se de olhar pela janela do trem (ou do ônibus) e notar que existiam pessoas com muitas vidas diferentes. Lembra-se de perguntar à mãe: Por que a vida deles era de um jeito e não de outro? Por que eles viviam em uma casa e não em outra? Por que eles tinham que se mudar para Vitória e não permanecer em Aimorés? Aqueles deslocamentos mobilizaram sua curiosidade e também intensificaram os “porquês” que, de tanto comparecerem, uma hora a mãe se cansava e não respondia coisa nenhuma. No seu caso, algo é certo: não tem nenhuma lembrança precisa das respostas que sua mãe lhe dava, mas se lembra perfeitamente do quanto era gostoso perguntar ao longo dessas travessias.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

territoriais que têm a ver com a sua própria história, de modo a fazer emergir uma posição crítica junto às complexidades que formam aquilo que, por falta de palavras melhores, chamamos de identidade e de pertencimento. Foram 20 dias consecutivos de imersão pela divisa, iniciado no dia 1º de fevereiro de 2022, no sentido Norte-Sul, partindo da tríplice fronteira, entre os estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, próximo à cidade de Montanha/ES, até chegar à região da Serra do Caparaó, no extremo Sul do Espírito Santo. Desse modo, sendo a motivação inicial adentrar na divisa, “essa zona do ‘entre’ que perpassou toda a sua infância e juventude” (Silva, 2022, p. 27), o objetivo passou a ser, nas palavras da própria artista:

[...] ir descendo e, ao mesmo tempo, elencando pontos acessíveis de parada em locais designados como limite territorial entre os dois estados, fossem eles indicados por sinalizações oficiais nas rodovias, mapeamento via satélite ou simplesmente apontados pela população local. Durante essas paradas, os três trabalhavam para produzir marcos simbólicos em forma de ações artísticas, provocando exercícios de intimidade e contato com a paisagem (Silva, 2022, p. 25).

Jornada intensiva de descobertas e investigações que solicitam modos singulares de pensar-fazer, gestados em ato. Modos junto aos quais as intervenções vão se estruturando no próprio fazer, via desenvolvimento de um repertório sensível atravessado pelos fluxos internos de um fazer artístico mais fluido e intuitivo. Fazer artístico que, para além da instauração de uma ação que culminaria na criação de uma obra, oportuniza para Rubiane a emergência de “uma ótica que vai ao encontro do seu próprio lugar de fala, alicerçado em um corpo negro e diaspórico, resultado de processos históricos brutais que antecedem o seu próprio nascimento” (Silva, 2022, p. 27).

Dito isto, as páginas que se seguem reúnem alguns registros das conversações com a artista Rubiane Maia, realizadas por videoconferência nos dias 23 e 29 de março, 12 de abril e 26 de julho de 2022. Nelas, o leitor é convidado/a a imergir nas múltiplas camadas que conformam os interstícios, os meandros e as nuances do Projeto *DIVISA* e condensam um pouco do amplo espectro de aspectos, aportes e questões mobilizadas no



Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

âmbito dos processos de instauração da instalação online *DIVISA* (2022). Não há aqui qualquer compromisso com o encadeamento cronológico do que foi partilhado por Rubiane Maia ao longo desses nossos quatro momentos de conversação. Há, sim, um compromisso com a emergência de um diálogo que permita com que o leitor possa ascender à riqueza e à profundidade das primeiras impressões de Maia acerca do que foi e como foi essa sua experiência de (re)estabelecer uma relação de contato e fusão com esta faixa territorial de fronteira-limite, a fim de desvelar e ressignificar as numerosas camadas da sua história individual e social, que pariam neste “entre-terras”.

Lindomberto Ferreira Alves: Conte um pouco como foi essa viagem pela divisa, em termos logísticos e operacionais?

Rubiane Maia: A viagem durou 20 dias. Nós criamos um roteiro, que tinha como ideia central começar no norte e terminar no sul da linha da divisa. Não tivemos muitos contratemplos, a não ser o tempo necessário para entender como construir a dinâmica dessa viagem. Nós já sabíamos que 20 dias seriam um espaço de tempo bem apertado para desenvolver um projeto dessa escala. Nós tínhamos um percurso, um roteiro, mas, ao mesmo tempo, o que acabou sendo mais útil era seguir a viagem consultando o Google Maps ou Waze para verificar, em tempo real, o que era ou não possível de ser acessado. Isso porque, basicamente, no interior tem muita estrada de chão e nem sempre as divisas cruzam uma rodovia. Nesse sentido, seguíamos pela rodovia até certo ponto e entrávamos em estradas de chão, muitas vezes bem difíceis. Tivemos que lidar com a chuva, com o barro, mas que, no final das contas, todos esses elementos foram muito ricos para os processos de criação à céu aberto.

Desde o início da viagem estava muito forte em mim o desejo de trabalhar com a terra, com o pigmento – um desejo que começou a se manifestar há mais ou menos dois anos, aqui pela Europa. De certa forma, eu acho que foi a primeira vez que eu olhei para o Brasil dessa perspectiva. Voltar para o Brasil agora foi olhar de novo para essa terra, e olhar com uma atenção que eu nunca tinha tido antes. Ver a riqueza de cor, a pigmentação do solo, o calor aliado a umidade, a vibração que essa terra tem, seus ritmos. Isso foi muito apaixonante. E a chuva ajudava a tornar isso ainda



Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

mais evidente, porque a cor do solo ficava muito mais viva úmida do que seca. O projeto tinha algumas intencionalidades prévias, mas depois que começamos de fato a viagem, realmente encontramos a certeza da terra como o nosso elemento principal de contato. Nós produzimos basicamente fotografias, vídeos, vídeos 360°, áudios, ações e muita pintura em canvas (tecido de lona utilizado para pintura). Eu tinha comprado muitos metros desse tecido para poder trabalhar, ainda sem saber se teria realmente como usar esse material. Mas foi uma escolha acertada, porque no final das contas essa experiência com os tecidos foi uma das mais interessantes. Ela se casou totalmente com a ideia da pigmentação da terra. Fomos usando esse tecido como uma espécie de pele, revestindo os lugares com a ideia carregar conosco um pouco da memória deles, à medida em que íamos fazendo várias ações sobre a própria terra.

Figura 2 – Rubiane Maia, Projeto *DIVISA* (2022)

Instalação online. PONTO 5: -18.476325, -41.016410 Ponte sobre o Rio Preto: Vila Nelita, Água Doce do Norte, ES / Santo Antônio de Nova Belém, Nova Belém, MG – Brasil. Fotografia, dimensões variáveis



Fonte: acervo da artista Rubiane Maia.

Lindomberto: Antes de seguirmos com essa questão, poderia falar sobre os critérios que vocês seguiram para estabelecer os pontos de parada ao longo da divisa.

Rubiane: Então, nós tínhamos um mapa físico, de papel, no qual fomos observando lugares interessantes, além de usar constantemente o Google Maps. Nem toda a extensão da divisa é facilmente acessível ou

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

demarcada. Quando ela cruza a Rodovia, é demarcada, tem placas que informam que você está no limite entre Minas Gerais e Espírito Santo. Mas, muitas vezes, esses pontos nem são informados. Especialmente quando ela cruza alguma pequena estrada de chão. Por isso, usávamos o GPS⁵ para conseguir entender a localização “exata” da divisa. Nesse movimento de verificação contínua, quando identificávamos que estávamos sobre a divisa, dizíamos: “vamos parar aqui”. Estabelecemos que o ideal seria usar essas paradas para fazer alguma ação ou intervenção. Algumas vezes, parávamos em lugares em que estávamos realmente em cima da linha da divisa. Outras vezes parávamos nas proximidades. O nosso maior esforço era sempre conseguir realizar as ações sobre a linha da divisa – e isso aconteceu na maior parte do trajeto. Em alguns pontos, por sua vez, isso não era possível, então chegávamos até onde dava para chegar.

Lindomberto: Retomando o ponto a respeito do trabalho com a terra, ao longo da divisa, de onde vem esse desejo de interesse pela terra e pela pigmentação, que te acompanha há pelo menos dois anos?

Rubiane: Eu acho que esse interesse começou, de fato, após a experiência da maternidade. Tem, por exemplo, toda uma pesquisa que me levou à realização do trabalho *Essa voz que me interrompe para remover os pés do lugar* | Livro-Performance: Capítulo 1⁶ (2018), em que eu falo sobre o pé e sua conexão com a terra, com as raízes. Eu realizei, ainda, o trabalho *Respirando memórias*⁷ (2019), onde eu trabalho com um punhado de terra cobrindo toda a minha cabeça. Nesse período, a materialidade começou a se tornar um aspecto muito importante para mim. Por outro lado, a terra surge também com a minha migração: eu me tornei imigrante. Morar em outro país me trouxe esse sentido de passagem, de sair de uma terra para ir viver em outra. Além das relações da diáspora, do banzo, que começaram a se tornar mais urgentes. Soma-se a isso, uma viagem que fiz há dois anos para Grã Canária, uma das Ilhas Canárias, na costa noroeste de África, uma ilha vulcânica. É um lugar onde, os níveis de oxidação acabaram criando solos de diversas cores: verde, roxo, rosa, azulado, etc. Esse encontro com uma montanha colorida afirmou em mim um desejo muito grande de trabalhar com pigmentos, porque era para onde eu estava olhando, era aonde eu estava conseguindo ver o novo despontar. Algo que acaba se relacionando diretamente com o meu interesse nas cosmologias

5

GPS é a sigla em inglês para Global Positioning System (Sistema Global de Posicionamento). Assim, esses aparelhos são importantes instrumentos de localização geográfica e muito utilizados para a localização de pontos específicos na superfície terrestre.

6

Para mais informações sobre o trabalho, acessar: <https://www.rubianaemaia.com/book-performance-chapter1>.

7

Para mais informações sobre o trabalho, acessar: <https://www.rubianaemaia.com/breathing-memories>.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

indígenas, com a vontade de exercitar uma percepção não antropocêntrica do mundo e da vida. De fato, nesse último ano, eu comecei a ficar meio obcecada com esse movimento de coletar e estudar a terra, de entender as propriedades e as cores do solo. De alguma forma, eu percebo que isso já estava em processo de incubação desde 2015, quando fiz o trabalho *O Jardim*⁸ (2015). Mas, naquelas circunstâncias, o manejo da terra foi pensando muito mais conectado com o processo de crescimento das plantas. Antes da viagem para a realização do Projeto *DIVISA*, eu já vinha estudando o pigmento para aprender a fazer tinta com terra. Só que, viajando, não dava para poder produzir um trabalho muito sofisticado, no sentido de preparar a tinta, de experimentar a textura em uma superfície, esperar secar. Na verdade, ao longo do trajeto, nós utilizamos esses grandes quadrados de canvas para ir experimentando em ato, tingindo esses tecidos a partir de diferentes experiências corporais com a terra, no meio da chuva, dentro de rios e cachoeiras. Então, nós produzimos várias pinturas de um modo bem intuitivo, onde o tecido ia se transformando numa extensão da nossa pele.

Lindomberto: Fiquei pensando nesses tecidos tingidos como espécies de testemunhas que insinuam rastros de uma experiência de trabalho com a terra que necessariamente está inscrita no corpo. Porque, querendo ou não, de uma maneira geral, o Projeto *DIVISA* está no seu corpo, no de Manuel e no de Tian. Faz sentido isso para você?

Rubiane: Sim, faz total sentido. Eu fiquei realmente muito apaixonada por essas lonas porque elas se fazem exatamente nesse processo de encontro com um lugar. Os uniformes brancos que usávamos, também, foram sendo naturalmente tingidos à medida em que avançávamos pela divisa. A própria roupa, em si, vai se transformando nesta superfície de pintura. Eu acho que uma coisa que esse projeto resgata em mim é um olhar para o desenho e para pintura; um olhar cartográfico, na qual o ponto de partida são as superfícies. Superfícies vivas. Por exemplo, recentemente realizei o trabalho *Speirein*⁹ (2021), no qual faço uma série de esculturas a partir de moldes dos meus pés, e no qual vou operando com essa ideia de pintá-los com a terra, a partir de diferentes tons de marrons terrosos que compõem as cores da nossa pele. Definitivamente, eu tenho pensado muito na terra como uma segunda pele ou como uma pele que reveste o mundo. Isso não está muito bem elaborado, mas é uma correlação que está

8

Para mais informações sobre o trabalho, acessar: <https://www.rubianemaia.com/o-jardim>.

9

Para mais informações sobre o trabalho, acessar: <https://www.rubianemaia.com/speirein>.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

constantemente reaparecendo nas minhas propostas.

Lindomberto: Voltando à questão que você comentou de que “20 dias seria um espaço de tempo apertado para desenvolver um projeto dessa escala”, como vocês foram lidando com essa limitação de tempo, no sentido de, minimamente, criarem uma relação de confluência com esses lugares?

Rubiane: Eu acho que a própria viagem em si, ou mesmo o fato de estamos indo para lugares diferentes, os quais nunca tínhamos estado antes, já propiciou uma ruptura com a nossa rotina, com a forma como vínhamos organizando o nosso tempo juntos. De fato, não foi difícil ir estabelecendo os pontos de parada, porque estávamos muito fascinados com a possibilidade de descobrir lugares especiais ao longo da viagem. A nossa preocupação maior era com Tian, mas sempre carregávamos várias comidinhas e muitas frutas para ele. A ideia de chegar em um lugar e compor um relacionamento com ele acabou sendo muito espontânea, e isso se alinhava com esse movimento de estarmos todos juntos, vivendo essa pequena aventura. Ao mesmo tempo, quando voltávamos para o hotel, à noite, fazíamos uma pesquisa online com as possibilidades para o dia seguinte. Algo que, às vezes, nem funcionava, porque fomos descobrindo que era muito difícil entender, por meio do Google Maps, os locais acessíveis. E o que aconteceu, muitas vezes, foi que chegávamos em um lugar que tínhamos planejado ir mas, na prática, não dava para chegar na divisa pelas condições da estrada com buracos e alagamentos provocados pela chuva.

Figura 3 – Rubiane Maia, Projeto *DIVISA* (2022)

Instalação online. PONTO 7: -18.842243, -41.241175. RODOVIA ES-164: São Geraldo, Mantenópolis, ES / Bom Jesus da Floresta, Central de Minas, MG – Brasil.

Fotografia, dimensões variáveis



Fonte: acervo da artista Rubiane Maia.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

Lindomberto: Como vocês foram manejando a descoberta desses lugares com o tempo possível de permanência neles, com o objetivo de que o vínculo construído com o lugar fizesse emergir alguma possibilidade de ação performativa?

Rubiane: Tínhamos essas roupas brancas que usávamos sempre durante a hora das ações. Então, quando decidíamos que era hora de parar, trocávamos de roupa e começávamos a caminhar. Uma caminhada mais atenta e meditativa, eu diria, mais curiosa. Tian, nesse sentido, contribuiu muito. Como toda criança, ele é muito curioso e quer experimentar tudo. Nós, adultos, racionalizamos demais qualquer experiência. E, nesse processo de estabelecer um contato sensível com o lugar, era importante escapar da razão, das lógicas convencionais e ser mais intuitivo. Por isso, Tian acabou se tornando uma espécie de guia para nós. Ele nem perguntava: “o que vamos fazer agora?”. Ele simplesmente começava a brincar. Por exemplo: a primeira ação que realizamos foi, na verdade, foi uma proposta que veio de Tian: vamos pescar essas cascas de bambu? Outro aspecto interessante é que, quando voltávamos para o hotel, depois de passar o dia inteiro em trânsito, observávamos os registros. E isso nos inspirava, gerando ideias para o dia seguinte. Porque nesse movimento pensávamos: “nossa, a gente podia ter feito essa experiência por mais tempo ou podíamos ter prolongado aquele momento ali”. E aí, no outro dia, em um outro lugar – porque nunca voltávamos aos mesmos lugares – às vezes casava de aplicarmos exercícios que começamos, mas que foram interrompidos. Ou seja, durante a viagem fomos adquirindo uma espécie de repertório que ia crescendo a cada dia. Eu acho que eram as memórias do caminho que iam se instaurando no nosso corpo e nos nossos desejos.

Revedo alguns dos registros, eu me encontro com a brincadeira. Estou comentando isso agora porque aconteceu algo engraçado: para nós, obviamente, o contexto dessa viagem era realizar um trabalho. Então, espontaneamente, usávamos a palavra “trabalho” para se referir ao ato de fazer uma performance. Quando estou fazendo uma performance, eu normalmente não digo “estou fazendo uma performance”, mas, quase sempre, “estou fazendo um trabalho”. Com o envolvimento de Tian nas ações, começamos a tentar incorporar a palavra brincadeira como sinônimo de trabalho. Foi muito interessante pensar nessa simbiose entre as palavras

Instalação artística online *DIVISA* (2022).
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

“performance”, “trabalho” e “brincadeira”. Por mais que continuássemos usando a palavra trabalho, nós nos permitimos que ela se tornasse menos pesada, permitimos que ela também se tornasse uma brincadeira. Ao mesmo tempo, Tian começou a adotar a palavra “trabalho”. Todas as vezes que ele ia propor algo, já pedia para vestir seu uniforme falando: “agora é hora da gente trabalhar”. Tinha a coisa de vestir a roupa. Quando ele vestia a roupa, era hora de começar a trabalhar (risos). Depois do primeiro dia, no qual Tian participou, de fato, criando uma ação, nós fomos gradativamente percebendo que deveríamos deixá-lo muito livre para poder interagir, ou não, segundo suas vontades. Também deixamos claro entre nós que não haveriam erros nesses processos de interação, e que ele, Tian, sempre poderia escolher de que forma iria interagir. Nunca teria um script, no máximo, limitações de espaço de atuação. Não foi um esforço chegar a isso, afinal, ele é uma criança.

Lindomberto: O que me parece, com a presença de Tian, é que vem à tona a perspectiva de um devir-outro, despojado de uma série de filtros inerentes às percepções sua e de Manuel, por exemplo, a respeito de processos de criação...

Rubiane: Sim, um devir-criança! Com muito mais liberdade para experimentar e brincar. Apesar dele gostar de se referir a todo o processo como “trabalho”, fico pensando que isso se deu pela percepção dele de que, de alguma forma, para nós (Manuel e eu), estávamos fazendo algo que considerávamos sério e importante. No entanto, ele nos liberou completamente da ideia de erro, da pressão por acertar. Eu acredito também que o mergulho de Tian nesse projeto é um aspecto tão rico, inclusive, que pode servir de motivação para discutirmos a relação das crianças com as artes, a parentalidade, etc. Ou ainda, pensar no contexto escolar, especialmente porque a instituição-escola costuma limitar demais o protagonismo das crianças ao cumprimento de protocolos de comportamento. Eu me sinto orgulhosa de afirmar que o protagonismo de Tian aqui não é menor do que o meu ou de Manuel. Esse pequeno devir atravessa e traz fricções e contribuições, das mais preciosas. Eu acho que uma coisa que fez com que esse devir se tornasse ainda mais intenso foi a nossa escolha por não o controlar, de não o conter. Mas sim, de segui-lo, de embarcar nessa força-guia. Não é algo que estamos acostumados a fazer, mas, nessa viagem, nós

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

abraçamos essa possibilidade de ir junto com ele.

Lindomberto: Uma das razões de fazer o Projeto *DIVISA* tem a ver com a busca por tentar entender a sua própria história, a história da sua família, a sua ancestralidade. Poderia falar um pouco como esse desejo foi sendo gestado ao longo da viagem?

Rubiane: Claro, essa foi a minha principal motivação para criar esse projeto. Eu nasci na cidade de Caratinga/MG (que não está na divisa), mas logo que nasci, meus pais foram morar na cidade de Aimorés/MG (que está na divisa), e, três anos depois, nos mudamos para Serra/ES, e em seguida para Vitória/ES. Aimorés/MG é a cidade do meu pai, por isso fomos para lá. Caratinga/MG é a cidade da minha mãe, por isso eu nasci lá. Toda a história familiar do meu pai é muito nebulosa, eu nunca conheci a sua família, porque ele ficou órfão muito cedo, sendo criado pela avó que morreu antes do meu nascimento. Ele é o filho mais velho, pois sua mãe teve mais dois filhos (meus tios), que nunca conheci. O meu pai era negro, então, ele representa a minha herança afrodescendente. E já faz alguns anos que eu estou em busca dos fragmentos da minha história por parte de pai. Ele faleceu em 2005, então, a gente acabou não tendo a oportunidade de falar muito sobre isso.

O que aconteceu é que fomos para Aimorés/MG, porque estava na divisa, e porque eu queria visitar a rua onde eu morei. Eu queria muito ver novamente a casa em que eu vivi até os três anos de idade. A minha mãe me passou o endereço de uma antiga vizinha. Eu fui até a casa dela, falei quem eu era, o que estava fazendo ali, e ela se lembrou imediatamente dos meus pais. E me mostrou a casa onde eu morei, bem próxima à dela. Depois ela me contou que eu tinha uma prima que morava ali perto, uma parente do meu pai, mais especificamente, filha de um tio do meu pai. Ela me deu o endereço, sugerindo que eu fosse até a casa dessa prima. Na hora me deu aquele frio na barriga, mas resolvi ir. E foi assim que eu reencontrei essa prima desconhecida, um pouco mais jovem que a minha mãe. Ela me contou várias histórias de família, me mostrou a foto do pai dela, um tio já falecido. Relatou que a minha bisavó (avó do meu pai) sofreu muita violência doméstica, até tomar a decisão de abandonar o marido para criar sozinha os filhos e meu pai. Falou, ainda, que ela era uma mulher forte, guerreira, que

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

“ganhava a vida” lavando roupas para fora para sustentar a família. Depois essa prima falou o seguinte: “o lugar onde a sua bisavó morou ainda está lá. A gente só não sabe se o ‘barracão’ foi demolido ou não porque era só um cômodo velho com um fogão à lenha dentro, mas eu acho que esse lugar existe até hoje. É aqui perto, vai lá!”. E eu fui nesse lugar. Eu bati na porta, uma mulher veio ao nosso encontro. Eu disse: “Oi, boa tarde! Me chamo Rubiane. Estou aqui fazendo uma pesquisa para entender a minha história. Eu descobri que aqui foi o lugar onde a minha bisavó viveu...”. Esse lugar, hoje, é uma casa grande que foi construída, aos poucos, após a morte da minha bisavó, depois que o terreno foi vendido. O lugar que a minha bisavó viveu tinha se transformado em um cômodo da casa desta senhora. Então, ela me levou até esse cômodo e me mostrou exatamente onde ficava o fogão à lenha e a porta de entrada.

Figura 4 – Rubiane Maia, Projeto *DIVISA* (2022)
Instalação online. PONTO 8: -18.950880, -41.064740. SERRA DE CUPARAQUE E
PEDRA DO PESCOÇO MOLE: Cuparaque, MG / Alto Rio Novo, ES – Brasil.
Fotografia, dimensões variáveis



Fonte: acervo da artista Rubiane Maia.

Definitivamente, esse foi um dos momentos mais fortes que eu já vivi. Eu tenho a certidão de nascimento da minha bisavó. Ela nasceu em 06 de junho de 1895. Só consta o nome da mãe e, no lugar do pai, está um traço. Provavelmente, ela foi filha de uma mulher escravizada. Por outro lado, uma outra camada desses processos de família que eu descobri falando com a minha mãe, antes de partir para a viagem pela divisa, é que ela não nasceu em Caratinga/MG, mas em Cuparaque/MG (que também fica na divisa).

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

Na verdade, ela se mudou para Caratinga/MG com um ano de idade. De repente, eu descobri que eu tive duas avós em dois locais diferentes da divisa do Espírito Santo com Minas Gerais: em Aimorés/MG e em Cuparaque/MG. Descoberta que colocou definitivamente Cuparaque/MG no meu roteiro. Lá, não havia endereço ou pessoas conhecidas, mas nós tentamos encontrar uma referência do lugar onde a minha avó viveu. Ela disse que era bem perto de uma grande pedra, uma pedra chamada de Pedra do Pescoço Mole. E foi lá que nós fizemos um trabalho com umas fotografias antigas do seu casamento. Enfim, esse projeto acabou me jogando no umbigo da minha existência. Coisas que acabaram acontecendo para além do que eu poderia prever ou imaginar.

Lindomberto: Retomando uma expressão que você usou antes, “criação de um repertório”, fiquei pensando: que corpo é esse que essas camadas, essas experiências, a criação desse repertório, vai fazendo emergir?

Rubiane: Bem, vou começar já antecipando que eu não tenho uma resposta para essa pergunta (risos). Mas tenho algumas considerações que, para mim, estão super relacionadas à experiência de constituição desse repertório. Dentro dessas possibilidades, me vem imediatamente à questão de se dispor à experiência, de cultivar um corpo poroso, de uma predisposição à ideia de habitar temporariamente um lugar desconhecido da minha existência. Sem dizer que esse é um projeto que, fundamentalmente, se faz através de uma travessia espaço-temporal. Nesses últimos dias, fiquei pensando muito sobre as estratégias que mobilizamos para cultivar uma receptividade afetiva com tudo o que nos cerca. E, de certa maneira, acabei caindo no livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*¹⁰ (2009), que discute a cartografia como método. Então, eu li uma das pistas desse método com a qual me identifiquei imediatamente: “a paixão pela aventura”. De alguma forma, por mais que esse projeto tenha sido motivado por memórias de infância, nesta relação de tentar entender essa vida “entre” Minas Gerais e Espírito Santo, percorrer a divisa significava ir ao encontro do desconhecido.

Eu reli, também, um capítulo do livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4*¹¹ (1997), onde Deleuze e Guattari vão falar de território

10

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana de (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

11

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4*. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

existencial, e que eu considero ser um conceito super caro para minhas pesquisas. E, nessa releitura, eu me senti muito afetada com uma frase muito curtiinha do texto: “o em-casa não preexiste”. Então, quando eu li este trecho, eu senti um alívio, pois imediatamente eu conectei essa afirmação com uma outra questão que estava girando na minha cabeça, que é a noção de pertencimento. Eu pensei: se o “em-casa não preexiste”, ele é só pode ser um estado, algo que tem a ver com uma vitalidade. Ou seja, significa algo bem menos sólido e muito mais volátil. Essa organização que estamos acostumados a chamar de casa – uma organização que nós definimos a partir dessa ideia de um espaço habitável – na verdade não necessariamente está ligado ao sentimento de pertencer. E eu acho que o corpo também não preexiste. Na verdade, nunca se trata de um só corpo, não é? Nós somos bilhões de corpos ao mesmo tempo, se considerarmos tudo que nos compõe: água, células, bactérias, ou seja, todos os microorganismos que formam o que percebemos como um corpo. E, à medida que esse corpo vai sendo afetado pelo ambiente, ele vai mudando. Essa é outra palavra que está muito presente no meu pensamento: ambiente. O ambiente está sempre repleto de outros corpos, não se trata apenas de um espaço. É um espaço repleto de corpos humanos e não humanos. O que eu quero dizer é que os nossos corpos estão permanentemente recebendo estímulo e respostas de tudo o que nos cerca. E essa multiplicidade toda de partilhas sensíveis está acontecendo o tempo inteiro, em continuidade. Por mais que fiquemos fabulando que as transformações mais importantes da vida aconteceram por causa de uma determinada situação, na verdade não é tão simples, tão óbvio. Nós desconsideramos tantas camadas, que sequer percebemos que estão em ação agora, atuando nesse instante.

Por outro lado, eu sempre fui muito interessada na quebra da rotina. Quando estamos a perceber muito mais, quando nos abrimos à escuta. Tem um trechinho do livro *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*¹² (2018), de Emanuelle Coccia, que, para mim, tem a ver com essa questão dos corpos que emergem na criação desse repertório, no qual ele diz: “um mundo onde ação e contemplação não se distinguem mais, e também um mundo no qual a matéria e a sensibilidade se amalgamam perfeitamente”. Eu fiquei pensando muito nessa relação entre contemplação e ação porque isso estava em jogo todo o tempo durante a nossa viagem. Estávamos

12

COCCIA, Emanuelle. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*.

Tradução Fernando Scheibe.
Florianópolis: Cultura e Barbárie,
2018.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

experimentando a contemplação e a ação, da mesma forma, a matéria e a sensibilidade. O *DIVISA* é um projeto que envolve um contato direto com a materialidade, mas, ao mesmo tempo, considerando sempre que essa materialidade é uma energia vibrante, pulsante e viva. É uma matéria que responde ao contato. Porque, do mesmo jeito que a matéria responde ao meu ato, o meu corpo responde à matéria. Eu acredito que isso acaba tendo a ver com essa construção de um repertório, que são esses registros ínfimos de contato e intimidade que vão se acumulando no nosso corpo. De repente, eu me deparei não apenas com a linha-divisa, mas com o ambiente-divisa, que mexeu completamente com o meu estado emocional, mental e psíquico. Moveu o meu território existencial de lugar.

Figura 5 – Rubiane Maia, Projeto *DIVISA* (2022)
Instalação online. PONTO 8: -18.950880, -41.064740. SERRA DE CUPARAQUE E
PEDRA DO PESCOÇO MOLE: Cuparaque, MG / Alto Rio Novo, ES – Brasil.
Fotografia, dimensões variáveis



Fonte: acervo da artista Rubiane Maia.

Lindomberto: Asua reflexões sobre o pertencimento é particularmente muito instigante, porque, se pegarmos umas das suas principais referências bibliográficas do Projeto *DIVISA* – referência, inclusive, que te acompanhou ao longo da viagem – que é o livro *Belonging: a culture of place*¹³ (2009), da bell hooks, esse seu exercício de pensar o pertencimento vai um pouco na contramão das reflexões que ela nos apresenta...

Rubiane: Sim e não! (risos). Eu encontrei coisas muito valiosas na leitura desse livro. Ela constrói toda uma narrativa pessoal sobre a relação

13

hooks, bell. *Belonging: a culture of place* [Pertencimento: uma cultura do lugar]. New York: Routledge, 2009.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

de afastamento e retorno ao estado do Kentucky (EUA). Ao mesmo tempo, essa narrativa passa por questões históricas sobre os resíduos da escravidão. Apesar das particularidades e diferenças significativas sobre a diáspora na América do Norte e no Brasil, em ambos persiste a vulnerabilidade dos estados de saúde mental das pessoas negras, vinculado ao sentimento delas não se encaixarem ou não pertencerem a nada. Há um trecho em que Hooks afirma: “Há muito pouco trabalho publicado que analise a turbulência psicológica que os negros enfrentaram quando fizeram sérias mudanças geográficas que trouxeram consigo novas demandas psicológicas”. O que, nas palavras de Saidiya Hartman, no livro *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*¹⁴ (2021), reaparece de um modo bem mais direto: “o sentimento de não pertencer ou de ser um elemento estranho está no cerne da escravidão”. Então, essa junção entre o pensamento de hooks e Hartman são primordiais para mim. São duas autoras com um conhecimento e uma sensibilidade muito profundas, ambas trabalhando nessa intersecção entre o histórico e o autobiográfico. Uma outra intervenção importante que, para mim, se alinhava com essas questões, veio das autoras Dani D’Emilia e Vanessa Andreotti, na publicação *Co-sentindo com ternura radical*¹⁵ (2020), com a afirmativa “Desative expectativas de pertencimento e se concentre em desaprender a lógica da separabilidade”. Quando eu penso na divisa, automaticamente essa frase ecoa como um desafio e como um exercício árduo e primordial para a vida.

Lindomberto: Conheci seu trabalho em 2013, quando presenciei, em Vitória/ES, a apresentação da performance *Decanto, até quando for preciso esquecer*¹⁶ (2013). Um trabalho que, naquele momento da sua trajetória, parecia estar muito mais atrelado a uma espécie de fascínio seu pela incapacidade humana de dominar o esquecimento. Quase 10 anos depois, você produz o Projeto *DIVISA*, que, a princípio, parece caminhar no sentido oposto. Como você entende esse deslocamento, essa “aparente” inversão de perspectiva, na lida com a questão da memória?

Rubiane: A memória se tornou o conceito central da minha pesquisa. É dessa fonte que eu bebo todos os dias. E, cada vez mais, eu tenho entendido que a memória compreende tudo que nós somos, incluindo o esquecimento, incluindo aquilo que não sabemos que somos. Ela é uma narrativa, mas não pode ser condensada apenas na linguagem. Não pode

14

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

15

D’EMILIA, Dani; ANDREOTTI, Vanessa; GTDF Collective. *Co-sentindo com ternura radical*. São Paulo: PS_São Paulo, 2020. Disponível em: <https://lapubli.online/TernuraRadical.html>.

16

Para mais informações sobre o trabalho, acessar: <https://www.rubianemaia.com/decanto-ate-quando-for-preciso-esqu>.

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

ser totalmente explicada porque não se resume ao conhecimento humano. Pelo contrário, a memória toca o extra-humano. Nesse sentido, cada um de nós é somente uma fagulha da história do mundo. É claro que eu estou interessada na minha própria história, nas narrativas familiares, na diáspora e na minha herança negra, mas eu não acho que acaba aí, mas sim, começa aí para ir além. Eu também estou super interessada nas memórias que estão além de mim, e que posso acessá-las. Mas eu também estou interessada nas memórias que não podem ser acessadas, que estão no campo do esquecimento. A *performance Decanto, até quando for preciso esquecer* (2013) me ajudou a compreender que o esquecimento não é o contrário da lembrança, eles atuam juntos, em um movimento de expansão e contração. O que significa que a memória é plástica, dinâmica. Ela é capaz de tomar diversas formas. Para compreender e para exercitar isso, nós precisamos evitar pensar no tempo como uma linha, como linearidade. Nós precisamos abrir mão dessa ideia de separação entre o passado, o presente e o futuro. Só assim me parece possível espelhar como os movimentos da vida vão acontecendo entre jogos de similaridades e diferenças.

Em Henri Bergson, no livro *Matéria e memória*¹⁷ (1999), lembramos aquilo que de alguma forma tem utilidade para o presente. É útil no sentido de que, de alguma forma, aquilo que retorna para nós como lembrança contribui para os movimentos de atualização coletiva do mundo. Ou seja, o passado sempre é útil para potencializar processos e acontecimentos vinculados às transformações do agora. Então, eu arriscaria afirmar que o Projeto *DIVISA* e o seu modo de operar com a questão do resgate de algumas memórias sempre esteve incubado, em vias de ocorrer. Mas aconteceu quando precisava acontecer. E, curiosamente, aconteceu quando coexiste comigo um novo descendente que é Tian. Isso, também, faz total sentido para mim, quando eu penso que realizar esse projeto, simbolicamente, significa apresentar a ele a minha terra. A presença de Tian na minha vida me trouxe a lembrança da criança que eu fui, mas também me fez olhar com muito respeito para os acontecimentos familiares que antecederam o meu nascimento. Ou seja, eu sinto que há uma magia acontecendo, justamente porque o tempo é essa espiral que nos ajuda na atualização contínua do que somos. E isso me faz refletir, como as imagens de família e de infância

Instalação artística online *DIVISA* (2022),
notas em rota de conversação: entrevista
com Rubiane Maia
Lindomberto Ferreira Alves

não estão aí apenas ao sabor do acaso, mas retornam porque são elas que materializam a expansão do meu território existencial, potencializando o futuro ou os futuros que está(ão) se abrindo no agora.

Figura 6 – Rubiane Maia, Projeto *DIVISA* (2022)
Instalação online. PONTO 7: -18.842243, -41.241175. RODOVIA ES-164: São
Geraldo, Mantenópolis, ES / Bom Jesus da Floresta, Central de Minas, MG – Brasil.
Fotografia, dimensões variáveis



Fonte: acervo da artista Rubiane Maia.

À medida em que eu faço uso da memória como um dispositivo de constituição daquilo que eu sou, eu colaboro para curar os aspectos do meu passado, das dores e traumas familiares que precisam ser curados, lembrados e ritualizados. São muitas as cicatrizes herdadas pelo colonialismo que estão silenciadas ou esquecidas – geração após geração. Algo que bell hooks (2009) diz: “curar aquele espírito significava me lembrar de mim mesma, pegar os pedaços da minha vida e juntá-los novamente. Ao relembrar a minha infância e escrever sobre os meus primeiros anos de vida, eu estava mapeando o território, descobrindo a mim mesma”. E, para completar, eu encerraria com um outro trecho, na qual, ela lindamente afirma: “mesmo quando senti que a terapia não estava ajudando, não perdi minha convicção de que havia saúde a ser encontrada, que a cura poderia vir da compreensão do passado e conectá-lo ao presente”.

Referência

SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. A Divisa. In: ALVES, Lindomberto Ferreira; SILVA, Rubiane Vanessa Maia da (Orgs.). *DIVISA: notas em rotas de travessias*. Vitória: SECULT/ES, 2022. p. 24-33. Disponível em: <https://www.projetodivisa.com/material-educativo>. Acesso em: 19 abr. 2024.